

A MEDIDA DA EMPATIA NA INTERNALIDADE FAMILIAR: A REATIVIDADE INTERPESSOAL ENTRE PAIS E FILHOS

2013

Nilton Soares Formiga

Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor do curso de Psicologia na Faculdade Mauricio de Nassau (Brasil)

Email:

nsformiga@yahoo.com

RESUMO

A dinâmica familiar é composta pelas práticas parentais, afiliação afetiva pais-filhos e o valor atribuído à instituição família como condição para o desenvolvimento social e psicológico do jovem. Apesar da sugestionada crise psicossocial que esta instituição vem passando, ainda se acredita que ela é importante no processo de intervenção e investimentos de condutas socialmente desejáveis, principalmente, quanto ao desenvolvimento da empatia na dinâmica interna familiar. 224 díades da população geral da cidade de João Pessoa-PB, sendo 112 pais (pai e mãe) e 112 filhos, do sexo masculino (52%) e do sexo feminino, de 12 a 67 anos, responderam a EMRI individualmente quando consultados. Os resultados corroboraram a estrutura fatorial da EMRI em na amostra de pais e filhos e que, a partir de uma Anova, os filhos tiveram escores mais altos do que os escores dos pais nas dimensões da empatia; porém, a diferença entre esses escores foi pequena entre a díade.

Palavras-chave: Empatia, família, pai-filho

INTRODUÇÃO

Apesar de ainda se questionar na sociedade contemporânea sobre o poder de influência que a família tem na conduta juvenil, salienta-se a existência de uma fissura ou má definição quanto ao papel social e interpessoal que esta instituição assume; ela ainda é vista como apoio para a

responsabilidade e promoção de comportamentos socialmente desejáveis das pessoas que compõe essa instituição (Bolsoni-Silva & Marturano, 2002; Formiga, 2005; Formiga, 2011a).

O fato é que a família tem sido estudada a partir de diversas metodologias e perspectivas teóricas na ciência humana e social, especialmente, quando se pretende compreender e promover ação interventiva entre os jovens na dinâmica familiar (Avellar, 2007; Ariés, 1981; Bee, 1997; Gomide, 2003; Machado, 2008; Molpeceres, Llinares & Musito, 2001; Muñoz-Rivas & Graña, 2002; Pacheco & Hutz, 2009; Peçanha & Pérez-Ramos, 1999; Schneider, 2001; Vilhena & Maia, 2002). É fato que, mesmo com a suposta crise que a família possa estar passando, ela ainda é considerada como importante na organização e manutenção dos construtos psicológicos, por exemplo, as atitudes, os valores, a personalidade, a motivação, empatia, etc., tendo, como objetivo principal, a formação social e humana das pessoas do seu entorno intra e inter-familiar.

De forma geral, a preocupação que se tem com a família, sua estrutura e dinâmica referem-se à socialização da formação de habilidades sociais e emocionais das pessoas que dela fazem parte; socialibilidade esta, que deverá ser capaz de transmitir, tanto dentro quanto fora dessa instituição, o valor que uma conduta social convergente as normas sociais e o respeito e valorização do outro é, não somente um ideal, mas, uma condição real para a relação indivíduo-sociedade, a partir do movimento humano que possa ocorrer dentro da própria familiar com o objetivo de integrá-los, possibilitando um constante retorno as soluções de conflitos que venha colocar a harmonia psicológica e social em conflito (Formiga, 2011).

Nessa dinâmica, pode-se apontar para o construto da empatia como um dos fatores psicológicos importantes para a organização, administração e manutenção da conduta pais-filhos diante do estabelecimento estrutural e funcional familiar que vise ao bem-estar de si, mas também, o bem-estar do outro e do entorno social. Ao considerar essa dinâmica familiar, faz-se referência ao conjunto de atitudes geradas no movimento da internalidade familiar, mas, não se está referindo aqui à instituição como um todo, mas, especificamente, em como os pais atuam direta e indiretamente no reconhecimento das habilidades empáticas e se estas são também, reconhecidas pelos seus filhos.

No que se refere ao construto da empatia, esta, é compreendida como uma disposição funcional das pessoas para as trocas de experiências expostas de maneira incondicional em relação ao outro, podendo ser definido como uma resposta afetiva de origem evolutiva da forma mais apropriada frente à situação do outro do que da própria pessoa. Sendo assim, uma pessoa que é empática, hipoteticamente, teria a capacidade de experimentar as emoções e/ou ter pensamentos que, supostamente, a outra pessoa estaria ou teria experimentado. A pessoa empática adotaria o ponto de vista do outro, compreenderia suas motivações e necessidades e atribuiria atitudes e comportamentos ao outro com a função de prover ajuda, agregação, cuidado, justiça e solidariedade (Batson, Eklund, Chermok, Hoyt & Ortiz, 2007; Batson, Tricia, Highberger & Shaw, 1995; Davis 1983; Decety, 2005; Decety & Jackson, 2004; Decety,

Michalska & Akitsuki, 2008; Enz & Zoll, 2006; Hoffman, 2000; Mehrabian & Epstein, 1972; Wispé, 1990).

A perspectiva teórica e empírica desenvolvida por Davis (1983) pressupõe que as habilidades empáticas são organizadas em quatro dimensões-construtos independentes, os quais avaliam experiências afetivas e cognitivas da pessoa: em relação a experiência cognitiva, destaca-se o construto empático *tomada de perspectiva do outro* (refere-se à capacidade cognitiva voltada para a compreensão e coordenação de percepções do outro que visem à solução de conflitos interpessoais e sociais) e *fantasia* (refere-se a habilidade de se identificar com personagens ficcionais em novelas, filmes e romances e sentir junto com eles, uma adesão involuntária às condições afetivas de alegria, tristeza, raiva etc. e/ou de necessidade destes personagens); no que se refere a experiência afetiva, esta, poderá ser acessada nas pessoas através da *consideração empática* (diz respeito à capacidade de avaliar e sentir com o outro, bem como do reconhecer seus afetos e necessidades, que pode ser experimentada no *self* como uma motivação de cunho pró-social que pode levar ao comportamento de ajuda) e a *angustia pessoal* (refere-se a um sentimento de tensão e desconforto, frente à condição de necessidade do outro, podendo gerar comportamentos de afastamento ao invés de comportamentos de ajuda).

Sendo assim, o presente estudo tem como objetivos verificar a consistência da estrutura fatorial da empatia observada pelos autores brasileiros supracitados (Formiga, 2012b; Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga & Menezes, 2011) em amostra de jovens, porém, no presente estudo, será avaliada a estrutura fatorial em uma amostra que contempla pais e filhos da mesma família; um outro objetivo, faz referência a uma análise de variância em relação a comparação da pontuação média nas respostas dos pais e dos filhos.

MÉTODOS

Amostra

224 díades da população geral da cidade de João Pessoa-PB, sendo 112 pais (pai e mãe) e 112 filhos, do sexo masculino (52%) e do sexo feminino, de 12 a 67 anos ($M = 35,34$; $d.p. = 14,90$) da amostra total, compuseram este estudo. A amostra foi não probabilística, pois considerou-se a pessoa que, consultada, se dispusera a colaborar, respondendo o questionário que foi apresentado.

Instrumentos

Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis – EMRI. Trata-se de um instrumento elaborado por Davis (1983) e adaptado em sua versão original por Sampaio,

Guimarães, Camino, Formiga e Menezes (2011) para o contexto brasileiro e corroborado por Formiga (2012b) em sua versão completa encontrando indicadores psicométricos aceitáveis que garantem a validação e fidedignidade da escala. O instrumento é composto por 26 sentenças que descrevem comportamentos, sentimentos e características relacionadas à empatia, que são utilizadas para avaliar as seguintes dimensões da empatia:

- Angústia pessoal (AP) - avalia as sensações afetivas de desconforto, incômodo e desprazer dirigidas para o *self*, quando o indivíduo imagina o sofrimento de outrem (por exemplo, *Perco o controle quando vejo alguém que esteja precisando de muita ajuda; Fico apreensivo em situações emergenciais, etc.*);

- Consideração empática (CE) - esta dimensão relaciona-se aos sentimentos dirigidos ao outro e à motivação para ajudar pessoas em necessidade, perigo ou desvantagem (Ex: *Sinto compaixão quando alguém é tratado injustamente; Quando vejo que se aproveitam de alguém, sinto necessidade de protegê-lo, etc.*);

- Tomada de perspectiva (TP) - mede a capacidade cognitiva do indivíduo de se colocar no lugar de outras pessoas, reconhecendo e inferindo o que elas pensam e sentem (Ex: *Imagino como as pessoas se sentem quando eu as critico; Tento compreender meus amigos imaginando como eles vêem as coisas, etc.*);

- Fantasia (FS) - a primeira designa a habilidade de se colocar no lugar de outras pessoas, tomando suas perspectivas e imaginando o que elas pensam ou sentem; a subescala de fantasia avalia a tendência de transpor a si mesmo imaginativamente, colocando-se no lugar de personagens de filmes e/ ou livros (Ex: *Tenho facilidade de assumir a posição de um personagem do filme; Depois de ver uma peça de teatro ou um filme sinto-me envolvido com seus personagens, etc.*).

Cada uma destas subescalas é composta, por uma quantidade específica de itens: FS e CE, sete proposições, AP e TP, seis proposições. Todas elas foram avaliadas por escalas *likert*, que variam de 1 (“não me descreve bem”) a 5 (“descreve-me muito bem”). Escores mais altos indicam níveis mais elevados em cada uma dessas dimensões e a soma dos escores de todas as subescalas é utilizada para calcular o nível global de empatia. O item 2 (*Sou neutro quando vejo filmes*) deve ter sua pontuação invertida, pois foi elaborado na direção contrária a dos demais itens da escala.

Além do EMRI foi utilizado um pequeno questionário para levantar alguns dados sociodemográficos como idade, sexo e renda econômica dos participantes.

Procedimentos

Todos os procedimentos adotados nesta pesquisa seguiram as orientações previstas na Resolução 196/96 do CNS e na Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CNS, 1996; ANPEPP, 2000).

Administração

Quatro colaboradores com experiência prévia na administração do EMRI foram responsabilizados pela coleta dos dados, e apresentaram-se as pessoas (nas casas das próprias famílias) como interessados em conhecer as opiniões e os comportamentos dos alunos sobre as situações descritas nos instrumentos.

Solicitou-se a colaboração voluntária dos jovens e seus pais no sentido de responderem um breve questionário. Após ficarem cientes das condições de participação na pesquisa, assinaram um termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi-lhes dito que não havia resposta certa ou errada. A todos foi assegurado o anonimato das suas respostas informando que estas seriam tratadas em seu conjunto. A Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis – EMRI foi respondida individualmente.

Apesar de o instrumento ser auto-aplicável, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os colaboradores na aplicação estiveram presentes durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 40 minutos foi suficiente para concluir essa atividade.

Análise dos dados

Quanto à análise dos dados, tomando como base o estudo de Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga e Menezes (2011) e Formiga (2012b), na versão 18.0 do pacote estatístico SPSS para Windows, foram computadas estatísticas descritivas (tendência central e dispersão), efetuadas os cálculos referidos ao Alpha de Cronbach (α), correlações de Pearson (r) e teste t de Student para amostra independentes. Realizou-se, também, uma análise fatorial confirmatória, com o objetivo de avaliar o modelo multidimensional, previamente encontrado por esses autores, bem como, avaliar os indicadores psicométricos da estrutura fatorial da EMRI na amostra geral, na amostra de pais e de filhos.

Considerou-se como entrada a matriz de covariâncias, tendo sido adotado o estimador ML (*Maximum Likelihood*). Sendo um tipo de análise estatística mais criteriosa e rigorosa, testou-se a estrutura teórica que se propõe neste estudo: isto é, a estrutura com quatro fatores. Esta análise

apresenta alguns índices que permitem avaliar a qualidade de ajuste do modelo proposto (Bilich; Silva & Ramos, 2006; Byrne, 1989; Hair; Tatham; Anderson & Black, 2005; Tabachnick & Fidell, 1996; Van De Vijver & Leung, 1997). A seguir serão apresentados esses indicadores:

- O χ^2 (qui-quadrado) testa a probabilidade do modelo teórico se ajustar aos dados: quanto maior o valor do χ^2 pior o ajustamento. Entretanto, ele tem sido pouco empregado na literatura, sendo mais comum considerar sua razão em relação aos graus de liberdade ($\chi^2/g.l.$). Neste caso, valores até 3 indicam um ajustamento adequado.

- O *Goodness-of-Fit Index (GFI)* e o *Adjusted Goodness-of-Fit Index (AGFI)* são análogos ao R^2 na regressão múltipla e, portanto, indicam a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo. Os valores desses indicadores variam de 0 a 1, sendo que os valores na casa dos 0,80 e 0,90, ou superiores, indicam um ajustamento satisfatório (Hair; Anderson; Tatham; Black, 2005; Bilich; Silva; Ramos, 2006).

- A *Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA)*, com seu intervalo de confiança de 90% (IC90%), é considerado um indicador de “maldade” de ajuste, isto é, valores altos indicam um modelo não ajustado. Assume-se como ideal que o *RMSEA* se situe entre 0,05 e 0,08, aceitando-se valores até 0,10 (Hair; Anderson; Tatham; Black, 2005).

- O *Comparative Fit Index (CFI)* - compara de forma geral o modelo estimado ao modelo nulo, considerando valores mais próximos de um como indicadores de ajustamento satisfatório (Hair; Tatham; Anderson; Black, 2005; Bilich; Silva; Ramos, 2006).

- *Tucker-Lewis Index (TLI)*, apresenta uma medida de parcimônia entre os índices do modelo proposto e do modelo nulo. Varia de zero a um, com índice aceitável acima de 0,90 (Bilich, Silva & Ramos, 2006).

- O *Expected Cross-Validation Index (ECVI)* e o *Consistent Akaike Information Criterion (CAIC)* são indicadores geralmente empregados para avaliar a adequação de um modelo determinado em relação a outro. Valores baixos do *ECVI* e *CAIC* expressam o modelo com melhor ajuste (Hair; Anderson; Tatham; Black, 2005; Bilich; Silva; Ramos, 2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de atender o objetivo principal do presente estudo, avaliar a diferença entre pais e filhos em relação a empatia; efetuou-se, no pacote estatístico AMOS 16.0, uma análise fatorial confirmatória para a escala EMRI com amostra em questão. Testou-se o modelo proposto por Davis (1983), adaptado por Sampaio et. al. (2011) e corroborado por Formiga (2012b) para o contexto brasileiro considerando a existência de uma estrutura multidimensional de reatividade interpessoal.

Para comprovar a estrutura proposta optou-se por deixar livre as covariâncias (ϕ , φ) entre os fatores, revelando que os indicadores de qualidade de ajuste para cada modelo se mostraram próximos as recomendações apresentadas na literatura (Byrne, 1989; Tabachnick & Fidell, 1996; Van De Vijver & Leung, 1997). De acordo com os resultados obtidos nas análises, o modelo tetrafatorial, já proposto pelos autores supracitados apresentarem indicadores estatísticos que justificam tanto a sua consistência estrutural na referida amostra. Assim, os indicadores psicométricos revelaram-se próximos aos exigidos pela literatura estatística sobre modelagem estrutural, garantindo com isso, a confirmação teórico-empírica do construto avaliado.

Todas as saturações (Lambdas, λ) estiveram dentro do intervalo esperado $|0 - 1|$, denotando não haver problemas de estimação proposta, com todas elas estatisticamente diferentes de zero ($t > 1,96$, $p < 0,05$) (ver figura 1). Esses resultados não apenas corroboram que a estrutura psicométrica composta por quatro fatores [Consideração Empática (CE), Angústia Pessoal (AP) e Tomada de Perspectiva (TP) e Fantasia (FS)], mas, também, que esses fatores são reconhecidos e avaliados na internalidade familiar por pais e filhos.

Neste modelo, observaram-se lambdas (λ) que se associavam, positivamente entre as dimensões da empatia, estando de 0,64 a 0,87 [$\chi^2/df = 2.15$, GFI = 0.97, AGFI = 0.95, CFI = 0.99, RMSEA (90%IC) = 0.03 (0.00-0.04), CAIC = 1356.16 e ECVI = 2.50 (2.38-2.68)]; foram observados alfas de Cronbach que variavam para da seguinte forma: empatia total (somatório de todos os itens da EMRI) foi de 0.88; Consideração Empática foi de 0.78; Tomada de Perspectiva (TP) foi de 0.75; Angústia Pessoal (AP) foi de 0.75; por fim, a dimensão Fantasia (FS) foi de 0.71.

Considerando esses resultados, a EMRI composta por quatro fatores avaliada em pais e filhos, apresentou uma adequabilidade e consistência interna quanto a sua medida. Comparando os resultados observados nos estudos de Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga e Menezes (2011), bem como, de Formiga (2012), em amostras brasileiras, os indicadores psicométricos da estrutural fatorial foram próximos, tanto aos indicadores que esses autores encontraram quanto ao que é exigido na literatura clássica sobre o cálculo (Byrne, 1989; Tabachnick & Fidell, 1996; Van De Vijver & Leung, 1997) podendo com isso, afirmar que a EMRI apresentou fidedignidade na sua mensuração.

Considerando que o modelo teórico foi comprovado, optou-se em realizar uma ANOVA One-way, em associação ao teste *post-hoc* de Bonferroni, a fim de avaliar as diferenças nas pontuações médias nas variáveis dependentes *versus* independente. Desta forma, tendo como variável independente a empatia com seus respectivos fatores *versus* variável dependente, os sujeitos da família (pais e filhos), observaram-se os seguintes resultados significativos:

- No que se refere a consideração empática, os filhos apresentaram escore médio superior ($M_{\text{filho}} = 26.62$, $DP = 4.25$; $IC_{95\%} = 25.82-27.42$) ao dos pais ($M_{\text{pais}} = 25.09$, $DP = 5.40$; $IC_{95\%} = 24.09-26.11$) [$F(1,224) = 5.52$, $p < 0,05$].

- em relação a tomada de perspectiva, os resultados seguiram direção semelhante; os filhos tiveram escore superior ($M_{\text{filho}} = 23.18$, $DP = 3.54$. $IC_{95\%} = 22.54-23.85$) ao dos pais ($M_{\text{pais}} = 21.89$, $DP = 4.31$; $IC_{95\%} = 21.08-22.70$) [$F(1,224) = 6.02$, $p < 0,05$].

- no que diz respeito a angustia pessoal, também, observou-se que os filhos tiveram escore superior ($M_{\text{filho}} = 20.45$, $DP = 4.55$. $IC_{95\%} = 19.57-21.28$) ao escore médio apresentados pelos pais ($M_{\text{pais}} = 18.63$, $DP = 5.32$; $IC_{95\%} = 17.64-19.63$) [$F(1,224) = 7.36$, $p < 0,05$]. Por fim, em relação a fantasia, não houve diferença significativa.

Desta maneira, é possível salientar que a estrutura fatorial da EMRI responde não somente a condição da medida da empatia na internalidade família, mas, também, comprova a direção teórica que Davis (1983) e que este construto poderá também ser um instrumento apto para avaliação da dinâmica empatia na família. O fato é que, ao mensurar a empatia aponta-se para a capacidade do sujeito (pai e/ou filho) desenvolver o reconhecimento de uma situação e a preocupação com o outro; desenvolvimento este, que de acordo com Formiga (2012a), é capaz de permitir ao indivíduo elaborar, organizar e administra uma espécie de ressonância interpessoal, a qual, considerando o modelo das experiências empáticas, poderá ocorrer por meio do afeto e/ou da cognição no entorno familiar.

Sendo assim, com base nas reflexões de Formiga (2012a) e Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga e Menezes (2011), os quais salientam que a pessoa empática ao buscar o respeito, a compreensão do outro e a participação no espaço sócio-cognitivo do observador no campo dos problemas do outro, precisa estar disposto às aberturas do espaço interpessoal e afetivo estimulando e/ou simulando convicções, desejos, percepções, sentimento, etc. que permita ao sujeito se colocar no lugar do sentimento e emoção do outro, porém, não sendo o outro; mas, a partir desses resultados, tomando como base a dinâmica familiar, tais aberturas interpessoais, poderão ser melhores desenvolvidas, estabelecidas e mantidas ao longo do desenvolvimento juvenil e na via de mão dupla pais-filhos.

A partir dos resultados a Anova, apesar se observar que os filhos apresentaram escores médios, nas dimensões da empatia, superior aos escores dos seus pais, faz-se necessário salientar a existência de uma pequena diferença entre estes escores, não muito acima de 1 e abaixo de 2 pontos médios. Sendo assim, é possível refletir a respeito de que pais e filhos foram capazes de reconhecer a empatia deles no seio da família.

Por fim, espera-se que os objetivos deste estudo tenham sido cumpridos, principalmente, no que diz respeito à consistência estrutural e fidedignidade da escala EMRI em pais e filhos; esta, por sua vez, considerando os indicadores psicométricos abordados nas análises estatísticas

permite afirmar seu poder teórico-metodológico da escala para ser administrada na dinâmica familiar com o objetivo de avaliar o reconhecimento da empatia entre pais e filhos. Todavia, apesar dos resultados serem confiáveis, alguns limites poderão ser destacados para futuros: um estudo que traria uma contribuição aos estudos sobre família e empatia, seria a aplicação não somente da escala EMRI a pai, mãe e filho, mas, adaptar a escala em relação ao reconhecimento inverso, isto é, não somente eles responderiam sobre si mesmo, mas, também, sobre os pais e, estes, sobre seus filhos; outro estudo caberia a administração desse mesmo instrumento em famílias de diferentes classes sócio-econômicas, bem como, a famílias monoparental ou família reconstruídas.

REFERÊNCIAS

- Ariés, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Associação Nacional de Pesquisa E Pós-Graduação em Psicologia - ANPEPP. (2000). *Contribuições para a discussão das Resoluções CNS n.º. 196/96 e CFP N.º 016/2000*. Recuperado em 02 de Setembro de 2011, da WEB (página da WEB): http://www.anpepp.org.br/XIISimposio/Rel_ComissaoEticasobre_Res_CNS_e_CFP.pdf2000.
- Avellar, A. P. (2007). Rompimento familiar e delinquência juvenil: Quais as possíveis conexões? *Revista eletrônica de ciências sociais*, 1 (1), 181-200.
- Batson, C. D.; Eklund, J. H.; Chermok, V. L.; Hoyt, J. L. & Ortiz, B. G. (2007). An additional antecedent of empathic concern: valuing the welfare of the person in need. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93 (1), 65-74.
- Batson, D. C.; Tricia, R. K.; Highberger, L. & Shaw, L. L. (1995). Immorality From Empathy-Induced Altruism: When Compassion and Justice Conflict. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68 (6), 1042-1054.
- Bee, H. (1997). *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bilich, F.; Silva, R. & Ramos, P. (2006). Análise de flexibilidade em economia da informação: modelagem de equações estruturais. *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*, 3 (2), 93-122.
- Bolsoni-Silva, A. T. & Marturano, E. M. (2000). Práticas educativas e problemas de comportamento: Uma análise a luz das habilidades sociais. *Estudos de psicologia*, 7 (2): 227-235.
- Byrne, B. M. (1989). *A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models*. New York: Springer-Verlag.
- Conselho Nacional De Saúde – CNS. (1996). *Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos*. Recuperado em 02 de Setembro de 2011, da WEB (página da WEB): http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm. 1996.
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 113-126.
- Decety J.; Michalska K. J. & Akitsuki, Y. (2008). Who caused the pain? A functional MRI investigation of empathy and intentionality in children. *Neuropsychologia*. 46, 2607–2614.
- Decety, J. & Jackson, P. L. (2004). The functional architecture of human empathy. *Behavioral and Cognitive Neuroscience Reviews*. 3, 71–100.

Decety, J. (2005). Perspective taking as the royal avenue to empathy. In: B. F. Malle e S. D. Hodges (Eds.), *Other minds: How humans bridge the divide between self and other*. (pp. 143–157). New York: Guilford Publications.

Enz, N. & Zoll, N. (2006). *Cultural differences in empathy between China, Germany and the UK*. Recuperado em 23 de novembro de 2006, de www.nicve.salford.ac.uk/elvis/resources/empathy.

Formiga, N. S. (2005). Comprovando a hipótese do compromisso convencional: Influência dos pares sócio-normativos sobre as condutas desviantes em jovens. *Revista psicologia ciência e profissão*, 25 (4), 602-613.

Formiga, N. S. (2011). Valoração da família e condutas desviantes: testagem de um modelo teórico. *Psico*, 42, 376-385.

Formiga, N. S. (2012a). Os estudos sobre empatia: Reflexões sobre um construto psicológico em diversas áreas científicas. *Revista eletrônica psicologia.com.pt - O Portal dos Psicólogos*, 1, 1-25. Recuperado em 10 de Novembro de 2012, da WEB (página da WEB): http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0639

Formiga, N. S. (2012b). Um estudo intracultural da consistência estrutural da escala multidimensional de reatividade interpessoal (EMRI). *Revista salud y sociedad*, 3 (3), 251-26.

Gomide, P.I.C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette & Z. Del Prette (Orgs.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção*. Campinas: Alínea.

Hair, J. F.; Tatham, R. L.; Anderson, R. E. & Black, W. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. Porto Alegre: Bookman.

Hoffman, M. L. (2000). *Empathy and moral development: Implications for caring and justice*. New York: Cambridge University Press.

Machado, P. (2008). Abordagem sócio-ecológica do comportamento anti-social em meio urbano. *Anais do VI congresso português de sociologia: Mundos sociais, saberes e práticas*, 126, 1-16. (Página da web: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/126.pdf>. Pesquisa realizada em 15 de Dezembro de 2011). 25 a 28 de Junho de 2008.

Mehrabian, A. & Epstein, N. (1972). A measure of emotional empathy. *Journal of Personality*, 40, 525-543.

Molpeceres, M.; Llinares, L. I. & Musito, G. (2001). Internalización de valores sociales y estrategias educativas parentales. Em: M. Ros e V. V. Gouveia (Org.). *Psicología social de los valores humanos: Desarrollos teóricos, metodológicos y aplicados*. (197-218). Madrid: Biblioteca Nueva.

Muñoz-Rivas, M. & Graña, J. L. L. (2002). Factores familiares de riesgo y de protección para el consumo de drogas en adolescentes. *Psicothema*, 13 (1), 87-94.

Pacheco, J. T. B. & Hutz, C. S. (2009). Variáveis Familiares Predictoras do Comportamento Anti-Social em Adolescentes Autores de Atos Infracionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25 (2), 213-219.

Peçanha, D. L. & Pérez-Ramos, A. M. (1999). Diagnóstico sistêmico da família: Novas contribuições. *Boletim de Psicologia*, 59, (110), 17-37.

Sampaio, L. R.; Guimarães, P. R. B.; Camino, C. P. S; Formiga, N. S. & Menezes, I. G. (2011). Estudos sobre a dimensionalidade da empatia: tradução e adaptação do Interpersonal Reactivity Index (IRI). *Psico*, 42 (1), 67-76.

Schneider, J. O. (2001). *Transmissão de valores de pais para filhos: Dimensões do desejável e do perceptível*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics*. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.

Van De Vijver, F. & Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Vilhena, J. & Maia, M.V.C.M. (2002). Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento antissocial e sua inscrição na cultura contemporânea. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 2 (2), 27-58.

Wispé, L. (1990). History of the concept of empathy. In: N. Eisenberg & J. Strayer (org), *Empathy and its development*. (pp 17-37). New York: Cambridge University Press.